

COSTA FERREIRA

OS
DESESPERADOS

*CONFERÊNCIA EM FORMA DE DRAMA
EM DUAS PARTES*

Prefácio de

URBANO TAVARES RODRIGUES

TEATRO / MINOTAURO

COSTA FERREIRA

UFLON00325

OS



DESESPERADOS

*CONFERÊNCIA EM FORMA DE DRAMA
EM DUAS PARTES*

Prefácio de

URBANO TAVARES RODRIGUES

MINOTAURO

PERSONAGENS

A BELA

O CONFERENCISTA

O APRESENTADOR

1.^a SENHORA DE CINZENTO depois A MULHER
DE VERMELHO

2.^a SENHORA DE CINZENTO depois A MULHER
DE BRANCO

3.^a SENHORA DE CINZENTO depois A MULHER
DE AZUL

4.^a SENHORA DE CINZENTO depois A MULHER
DE VERDE

} Coro

O NÚMERO UM

O NÚMERO DOIS

O NÚMERO TRÊS

A RAPARIGA

O BANQUEIRO depois O 1.^o PAI

A MULHER DO BANQUEIRO depois A 1.^a MÃE

O ENGENHEIRO depois O 2.^o PAI

A MULHER DO ENGENHEIRO depois A 2.^a MÃE

O FUNCIONÁRIO depois O 3.^o PAI

A MULHER DO FUNCIONÁRIO depois A 3.^a MÃE

O OPERÁRIO depois O 4.^o PAI

UM CRIADO

UMA CRIADA (Personagem muda)

ACÇÃO: 1960. Em Lisboa, porque o autor
é português.

PRIMEIRA PARTE

Quando o público entra na sala, a cena está aberta e preparada para uma conferência. Uma cortina simples, escura, e, à direita, encostada ao regulador que lhe serve de fundo, pequena mesa de conferencista coberta por pesado pano franjado e sobre ela, além dos inevitáveis jarro e copo, num dístico lê-se: «LIGA PARA DEFESA DA MORAL COMUM». Dados os sinais para começar o espectáculo, que podem ser as normais pancadas de Molière, aparece no proscénio o Apresentador.

O APRESENTADOR. — Minhas senhoras e meus senhores! Eu estou aqui, em nome da Direcção deste Teatro, para lhes apresentar um espectáculo que é uma conferência e um conferencista que pretende fazer um espectáculo. A Direcção deste Teatro, sempre preocupada em bem servir, aliando ao desejo de contribuir para o esclarecimento dos problemas que hoje mais preocupam a humanidade, a consciência sempre presente de que é uma direcção teatral e que, portanto, tem como fundamental obrigação fazer Teatro, hesi-

tou bastante antes de se decidir a abrir a sua bilheteira para este cartaz. Hesitou, porque hoje ninguém compra bilhetes para assistir a uma conferência e as pessoas que os comprassem, atraídas pela palavra *drama*, que se lê no mesmo cartaz, podiam, de certa maneira, sentir-se lesadas. Acabou, porém, por se decidir, ao verificar que a própria personalidade do conferencista é um espectáculo dramático. É costume, ao apresentar-se um conferencista, ornamentá-lo com adjectivos que, segundo os casos, se graduam desde o illustre ao eminente. A este conferencista não se pode aplicar nenhum desses adjectivos. É, como ele próprio confessa, um homem ignorante, daquela ignorância primária de todas as técnicas que permite todas as audácias e, portanto, a mais audaciosa das audácias dos tempos actuais — A Esperança. Esperança em quê? Ele próprio o dirá, a seu tempo, se puder. Por agora, basta que fixem que este homem não dispõe de nenhuma doutrina concreta e, ao mesmo tempo, está disposto a acreditar nas promessas que se contêm em todas as doutrinas. Gosta de viver e considera como principal manifestação de vida, falar, comunicar com o seu semelhante. Ainda um aviso. Ele vai improvisar e, portanto, as palavras que proferir não foram previamente censuradas. Dada, porém, a sua natural candura e os fins que se propõe, a Direcção está certa de que ele nada dirá que

possa ferir a vossa sensibilidade. E muito obrigado pela vossa atenção.

Sai pela direita, fazendo com a mão uma indicação para a esquerda, pela qual, imediatamente, entra o Conferencista seguido em fila indiana pelas quatro Senhoras de Cinzento, que entram com um passo certo mas não em marcha. O Conferencista vai ocupar o seu lugar na mesa. As quatro Senhoras ficam ao centro, viradas para o público.

O CONFERENCISTA, *depois de pigarrear tímidamente.* — Minhas senhoras e meus senhores! Como Vossas Excelências já sabem, porque está escrito aqui em cima desta mesa e, como não pode deixar de ser — todos nós sabemos ler — eu pertenço à «Liga para a Defesa da Moral Comum». Tendo verificado que há muita gente que aplica ao procedimento alheio o qualificativo de imoral sem, contudo, ser capaz de controlar os actos próprios, pareceu-me indispensável fazer um estudo consciencioso daquilo que pode ser a moral de toda a gente. Além de mim, a Liga conta já com a colaboração destas quatro senhoras que, cansadas de serem enganadas neste mundo, resolveram pôr óculos escuros e procurar a verdade pelos seus próprios meios. Quando eu resolvi fazer esta conferência em forma de drama, elas ofereceram-se logo para colaborar, apesar de nunca terem pisado um palco e de serem muito envergonhadas. En-

vergonhadas por aquilo que já lhes aconteceu, e envergonhadas por aquilo que desejariam que lhes continuasse a acontecer e não lhes acontece. De qualquer maneira, eu quero testemunhar-lhes publicamente a minha gratidão pela boa vontade que tal atitude revela. Além disso, estas senhoras tiveram e terão de se sujeitar a diversos sacrificios para estarem aqui. A Direcção deste Teatro fez-me notar que para se fazer um espectáculo, mesmo no caso de se tratar de uma conferência, não bastam boas intenções, e que, portanto, a presença cinzenta e triste destas quatro senhoras uma noite inteira no palco, podia provocar uma reacção nervosa de Vossas Excelências, pelo esgotamento de uma coisa preciosa e rara que é a paciência. Decidimos, portanto, virar estas senhoras do avesso, isto é, revesti-las da cor que melhor representa o que lhes vai na alma. Dentro de instantes estas senhoras vão lá dentro mudar de roupa e voltarão com as suas cores interiores e autênticas, o que, como todas Vossas Excelências reconhecerão, é um pesado sacrificio que elas fazem pela defesa da moral comum. Essas cores serão apresentadas em forma de túnicas gregas, pois, segundo me informaram, em matéria de Teatro os gregos tiraram a patente de invenção e eu sou muito respeitador dos direitos adquiridos. *(Num cumprimento às senhoras)* Podem dispor e muito obrigado! *(As senhoras cumprimentam e saem em fila pela esquerda, tal qual como entra-*

ram) É tempo agora de entrar no tema anunciado da minha conferência: «Os Desesperados»! Ah! Mas antes, um outro aviso! Em vez de projecções mais ou menos esfumadas e trémulas, esta conferência será ilustrada com a representação de cenas pelos, aliás já ilustres, actores desta Companhia. E estou mesmo convencido de que, à medida que as demonstrações se forem sucedendo, as minhas palavras irão sendo cada vez menos necessárias. É que, durante os ensaios das demonstrações, eu fui verificando que a vida, representada no palco, é mais eloquente e mais expressiva do que todos os discursos. No entanto, se eu não discursasse também um bocadinho, alguns dos senhores seriam capazes de supor que estas cenas só tinham sido inventadas para os divertir, e não foram. Tudo isto... a minha presença aqui... este palco aberto com o ar de mistério que se vai desvendando, as senhoras de cinzento... os actores que estão lá dentro a pintar a cara e, mais do que isso, a quererem dar a própria alma a essa cara pintada, tudo isto é para lhes pedir qualquer coisa. Dencansem que não é dinheiro; a «Liga» vive sem encargos financeiros! (*Num pequeno riso*) É inacreditável, mas é verdade. No entanto, pedimos qualquer coisa difícil, mais valiosa do que o dinheiro do pobre ou o amor do rico... Pedimos compreensão... Perdão, queiram Vossas Excelências desculpar. Vossas Excelências são inteligentíssimas... Sabem? Às vezes faltam-me as pala-

bras... Porque também não é amor que pedimos; o amor prende, absorve e nós não queremos prender ninguém, pelo contrário... pedimos... Olhem, pedimos que os senhores façam de conta que o que se está a passar aqui em cima, se passa nas vossas vidas. Só assim, fazendo essa conta, nós podemos encontrar a tal moral comum que é preciso defender. Evidentemente, que todos nós temos uma moral com imensas regras que consideramos sagradas, e até há uma moral pública com polícia e tudo para a defender. Mas não é a nada disso que eu me quero referir, não se trata da moral pública. Pelo contrário, trata-se da moral secreta, daquela que nós não dizemos a ninguém e que nos pode tornar felizes ou desgraçados. É aí, nessa moral interior, que a polícia não pode ver, que é preciso encontrar um terreno comum em que todos os homens estejam de acordo.

Mas eu estou a afastar-me do tema que aqui me trouxe: «Os Desesperados». É um tema muito sério... Eu gostaria de encontrar as melhores palavras para o tratar. Sobretudo, não queria nunca ser ridículo, porque ser um desesperado deve ser horrível! E mesmo na alegria se pode ser desesperado! Ora, a mim parece-me, que o desespero começa a nascer quando começam a exigir de nós que façamos sempre aquilo de que não gostamos. Sabem, eu fui filho único e muito amado, e sempre que os meus pais tinham que me negar qualquer coisa ficavam com tanta pena,

que eu, para os não magoar, acabava por fingir que me tinha desinteressado daquilo que lhes pedira. Mas, para além dessas coisas, ficavam tantas na vida, que não me davam tempo para ter medo da morte. Claro, quando eu era muito novo não havia bomba atômica, mas já tinha havido terremotos, vulcões, ódios sociais, fogueiras humanas, perseguições, guerras. Ensinaram-me História e eu pensei que era bom já não viver na Idade Média e tive esperança que para o futuro ainda seria melhor... Mas desculpem, eu não vim aqui falar de mim, vim falar dos desesperados. Exactamente daqueles para quem não há futuro e que, dispondo apenas dum presente cheio de restrições, têm «os nervos embainhados em vidro moído», como já ouvi dizer a um poeta que me merece muita consideração.

Eu vou apresentar-lhes quatro exemplares de adolescentes que procurei colher em quatro meios sociais diferentes. Pode ser que à primeira vista eles lhes pareçam ridículos, que certas atitudes sejam desproporcionadas como façanhas de D. Quixote, mas são autênticas. Estes rapazes e estas raparigas são realmente desesperados. E para que não suponham que se trata de atitudes cabotinas de quem quer por força dar nas vistas, nenhum dos meus desesperados é poeta, pintor ou dramaturgo frustrado. São apenas três rapazes e uma rapariga que têm medo de viver, sem, no entanto, chegarem à monstruosa coragem de que-